

CINEMATECA JÚNIOR

CINEMA & LITERATURA

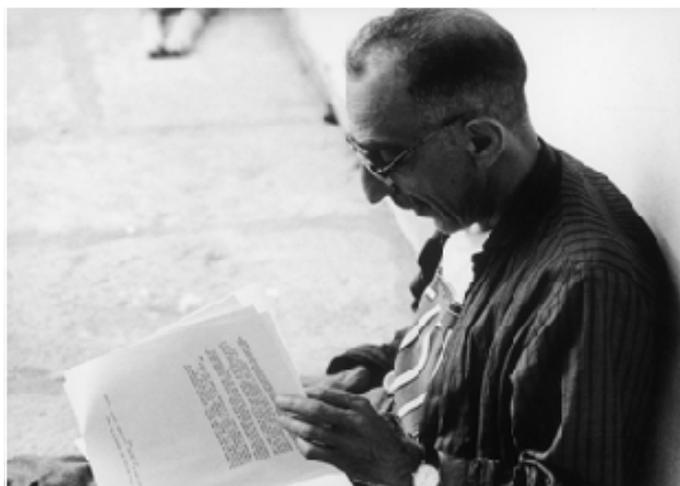
Para alunos do 3º Ciclo e Ensino Secundário Projeções em película

Programa disponível por marcação para grupos de mais de 20 alunos

Todos os dias às 10h30 ou 14h30

Marcação para o mail: cinemateca.junior@cinemateca.pt.

Preços: 1,10€ por aluno



Quando o cinema apareceu, em 1895, o cinema afirmou-se como arte autónoma, mas cedo mostrou que não podia prescindir das outras artes, da fotografia em primeiro lugar, do teatro, da pintura, e mais tarde com o advento do sonoro, da música.

O cinema também teve sempre uma relação intensa e privilegiada com a literatura, sendo que ambas as artes têm em comum um elemento essencial: a narração de uma estórias. Desde a origem do cinema, os cineastas viram no texto escrito uma grande inspiração. Já Georges Méliès, realizador dos primórdios do cinema, inspirava-se aos romances de ficção científica de Jules Verne para a realização dos seus fantásticos filmes-viagens, como por exemplo “Le Voyage dans la Lune” de 1902 ou “À la conquête du Pôle” de 1912. Muitos outros realizadores, ao longo de mais de um século de cinema, sentiram o interesse em traspor em imagem e som uma história escrita apenas no papel.

Doutro lado, também a literatura influenciou o cinema, basta pensar como os géneros literários inspiraram os géneros cinematográficos.... ou ao interesse dos próprios escritores que, desde as primeiras décadas do seculo XX, sentiram um grande fascínio da sétima arte e começaram a colaborar mais ou menos intensamente na realização de projetos cinematográficos, participando em guiões, e na escrita do filme.

A relação entre estas duas formas expressivas é muito complexa e existem várias abordagens de análise para além da mera comparação entre o texto escrito (romance etc.) e a sua adaptação/transposição para um filme. Os alunos poderão ter a oportunidade de se aproximar a literatura através da arte cinematográfica e ter a ocasião de reflectir sobre as relações intertextuais entre o cinema – imagem em movimento e som – e a literatura – a palavra escrita, e e/ou interrogar-se sobre as diferentes maneiras de construir e representar o tempo e o ritmo, o espaço, de utilizar a palavra, etc...

O conjunto de filmes apresentados tem como referência geral a literatura de escritores portugueses (Almeida Garrett, Sophia de Mello Breyner, Fernando Pessoa, Agustina Bessa-Luís, Virgílio Ferreira) e o outro mais abrangente que remete para autores (James Joyce, Charles Dickens, Tomasi di Lampedusa por exemplo) e romances mais internacionais.

No âmbito das obras cinematográficas que remetem para os “retratos” de escritores ou para elementos mais biográficos, selecionamos o filme-ficção de Manoel de Oliveira “Palavra e Utopia”, que é um filme sobre o Padre António Vieira, sobre a sua vida, a sua palavra e a sua utopia e o filme-documentário “José e Pilar” de Miguel Gonçalves Mendes sobre a figura do Premio Nobel da Literatura, José Saramago e da relação com Pilar del Rio.

Cinema & Literatura Portuguesa

FREI LUIS DE SOUSA

de António Lopes Ribeiro
com Maria Sampaio, Maria Dulce, Raul de Carvalho, João Villaret,
Barreto Poeira
Portugal, 1950 – 115 min | M/12

António Lopes Ribeiro adapta a peça de Almeida Garrett. “*FREI LUÍS DE SOUSA segue austeramente, direi mesmo friamente, a linha cénica do entrecho, acrescentando-lhe do cinema sobretudo o elemento plástico, na composição, na luz (fotografia: Aquilino Mendes e Mário Moreira), na marcação das figuras. Tudo é clássico, majestoso, algo distante, como se assistíssemos à peça no século passado. As imagens, por vezes muito belas, numa cenografia caracterizadamente portuguesa, mas recusando o possível realismo em nome de uma certa abstracção cénica, transmitem-nos sobretudo, nesse fundo que parece esmagar o actor, um processo de estilização*” (Luís de Pina).



SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

de João César Monteiro
Portugal, 1969 – 19 min | M/12

Primeiro filme de João César Monteiro, SOPHIA..., é um documento muito marítimo e muito mediterrânico, supunha ele que fosse antes de mais “a prova, para quem a quiser entender, que a poesia não é filmável e não adianta persegui-la”.



CONVERSA ACABADA

de João Botelho
com Fernando Cabral Martins, André Gomes, Juliet Berto,
Jorge Silva Melo, Isabel Ruth, Glicínia Quartin
Portugal, 1980 – 104 min | M/12

A história da amizade entre Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro numa ousada experiência de João Botelho que aposta numa estilização extrema e se apoia nos poemas e cartas de Pessoa e Sá-Carneiro. Alguns convidados especiais: Luiz Pacheco (Pessoa moribundo) e Manoel de Oliveira (o padre que dá a extrema unção a Pessoa).



MANHÃ SUBMERSA

de Lauro António
com Eunice Muñoz, Vergílio Ferreira, Canto e Castro, Jacinto Ramos
Portugal, 1980 – 131 min | M/12

Adaptação do romance homónimo de Vergílio Ferreira. É simultaneamente a observação lúcida da única possibilidade de um jovem pobre do campo sair dessa classe (a proteção de uma família de proprietários para uma carreira eclesiástica) e uma análise do conflito entre o espírito e a carne. Apresentado em Cannes na Quinzena dos Realizadores.



PALAVRA E UTOPIA

de Manoel de Oliveira
com Lima Duarte, Luís Miguel Cintra, Ricardo Trêpa, Ronaldo Bonnachi,
Miguel Guilherme, Leonor Silveira, Renato Di Carmine
Portugal/França/Brasil/Espanha, 2000 – 132 min | M/12

Em PALAVRA E UTOPIA, Manoel de Oliveira regressa, de forma definitiva e magnífica, à figura do Padre António Vieira, que já surgira em LISBOA CULTURAL e que paira sobre NON, e voltará a dominar a construção de O QUINTO IMPÉRIO. Mas, em PALAVRA E UTOPIA, é a figura, a vida e a palavra de Vieira que dominam o filme do princípio ao fim.



QUEM ÉS TU?

de João Botelho
com Rui Morrison, Susana Borges, Patrícia Guerreiro,
Rogério Samora, José Pinto
Portugal, 2001 – 112 min | M/12

A partir de FREI LUÍS DE SOUSA, de Almeida Garrett, com fotografia de Elso Roque, QUEM ÉS TU? centra-se na figura da adolescente Maria de Noronha, filha de Madalena de Vilhena e de Manuel de Sousa Coutinho, “rapariga demasiado branca e frágil, doente de febres altas e de violentas hemoptises provocadas por uma tuberculose impiedosa” para quem as papoilas, por si colhidas para aliviar a dor, têm um efeito devastador. “O seu profundo sono é rompido por terríveis fantasmas e alucinações: o luxo e a decadência do século XVI português (...) uma nação desfeita ocupada por estranhos. Só nos restam fantasmas”.



A CORTE DO NORTE

de João Botelho
com Ana Moreira, Ricardo Aibéo, Rogério Samora, Custódia Galego
Portugal, 2008 – 122 min | M/16

Baseado no romance homónimo de Agustina Bessa-Luís, o filme de João Botelho é uma epopeia familiar, centrada nos ecos e reflexos que unem (ou afastam) várias gerações de personagens femininas pertencentes à mesma família. Ana Moreira, em papel múltiplo, dá corpo a todas essas mulheres, num filme construído em vaivéns temporais ao longo de cem anos, de meados do século XIX a meados do século XX.



JOSÉ E PILAR

de Miguel Gonçalves Mendes
com José Saramago, Pilar del Rio
Portugal, Espanha, Brasil, 2010 – 117 min | M/6

Um documentário sobre José Saramago, escritor maior da literatura portuguesa e Prémio Nobel em 1998, nos últimos anos da sua vida, onde o seguimos, e à sua mulher Pilar del Rio, durante aparições públicas em viagens de promoção por altura de *A Viagem do Elefante*, um dos últimos trabalhos do escritor. Mas mais do que isso, JOSÉ E PILAR deixa-se conduzir pelo pensamento do escritor, desde a sua casa em Lanzarote e nos passos que toma pelo mundo, para nos mostrar o seu pensamento na escrita, na voz, e no sentimento ainda maior de um amor mútuo, entre duas pessoas, que irá sobreviver à morte. JOSÉ E PILAR, um dos maiores sucessos do documentário português, é também, por isso, um filme sobre o amor e o que sai dele quando se conta a sua história.



Cinema & Literatura

DON QUICHOTTE – D. Quixote

de Georg W. Pabst
com Feodor Chaliapine, Dorville, Arlette Marchal, Mady Berry
França, 1933 – 81 min / legendado em português
Reino Unido/França, 1933 – 82 min / legendado em português | M/12

Colaboração ilustre a que Pabst teve nesta sua aproximação ao clássico de Cervantes: o cantor russo Feodor Chaliapine para a personagem de Quixote, Lotte Reiniger para a sequência de animação com "sombras chinesas" e Jacques Ibert para a música. Plasticamente de grande beleza, como um álbum que se folheia amorosamente.



O LEOPARDO – IL GATTOPARDO

de Luchino Visconti
com Burt Lancaster, Alain Delon, Claudia Cardinale, Serge Reggiani,
Rina Morelli, Paolo Stoppa
Itália/França, 1963 – 187 min / legendado em português | M/12

Adaptado do romance de Tomasi De Lampedusa, IL GATTOPARDO é um exemplo maior do cinema histórico, pelo rigor da análise social, pelo retrato das personagens e pela descrição dos conflitos. O pano de fundo é a libertação da Itália por Garibaldi e o tema o fim de uma era e o nascimento de outra, com as soluções de compromisso e as cumplicidades do poder com as "ex" classes dirigentes. Burt Lancaster compõe um fabuloso Príncipe de Salina, que sabe que "é preciso que alguma coisa mude para que fique tudo na mesma".



GENTE DE DUBLIN – THE DEAD

de John Huston

com Anjelica Huston, Donal McCann, Rachel Dowlin

Estados Unidos/Reino Unido, 1987 – 83 min / legendado em português | M/12

Último filme de John Huston (foi distribuído postumamente) a partir de um conto de James Joyce publicado em *The Dubliners*, THE DEAD é uma obra-prima elegíaca. Um jantar de fim de ano no começo do século XX é o cenário da encenação de uma despedida, a do próprio Huston ao cinema e à vida. Filmado na Irlanda, com um elenco estritamente irlandês (os Huston e atores dos teatros Abbey e Gate), THE DEAD segue Gabriel Conroy (Donald McCann) na sua descoberta da memória que a mulher, Gretta (Anjelica Huston), guarda de um falecido amor.



TEMPOS DIFÍCEIS, ESTE TEMPO

de João Botelho

com Julia Britton, Isabel de Castro, Luís Lucas, Eunice Muñoz

Portugal, 1988 – 95 min | M/12

Na sua terceira longa-metragem, João Botelho adaptou o romance homónimo de Charles Dickens, mas o mundo do escritor vitoriano é facilmente identificado com a realidade portuguesa ("Tempos Difíceis, Este Tempo"). Num lugarejo, o "Poço do Mundo", que é um microcosmo social, convivem a riqueza e a pobreza mais extrema, a cultura e a ignorância, a perversidade e a inocência. De Dickens a Botelho, o filtro é de D.W. Griffith, com um rosto feminino, Julia Britton, que parece saída de um dos melodramas do mestre americano. A fotografia, num preto e branco rasante, é um trabalho notável de Elso Roque.

